A literatura faz parte da cultura

Manuel Ferreira proferindo a palestra perante o público presente no salão do Centro «8 de Março» em Maputo

Sem um ponto específico («seria mais fácil ficar aqui onde estou e desse lado dirigirem-me de imediato várias perguntas»), **o intelectual português Manuel Ferreira deu, no passado dia 11 de Setembro, no Centro «8 de Março», uma palestra sobre Literatura. A palestra (ou a conversa, como lhe chamou) fazia parte do programa que aquele destacado escritor realizou durante a sua permanência em Moçambique.**

Contrariando a tese defendida por algumas correntes literárias do Mundo, Manuel Ferreira colocou com insistência a tese de que **as literaturas nascem num contexto próprio, num universo próprio e são, por consequência, um produto da cultura: cultura de um país, cultura duma época.** Ele precisou que, devido às especificidades das várias culturas, as literaturas têm também características específicas, **características genuínas**, não pondo de lado o facto de terem um condão nacional e um condão da Humanidade inteira.

O alargamento da significação da obra literária foi abordado pelo «conversante» (no dizer de Rui Nogar), que salientou a contribuição que a Crítica Moderna trouxe para o entendimento da literatura. A esse propósito, Manuel Ferreira sa-

lientou que **as variadíssimas interpretações literárias são uma contribuição para o entendimento da obra literária. Significa que todos nós, críticos ou leitores, podemos dar uma contribuição para o alargamento da significação duma obra literária.** Chamou a atenção para o facto de que não está nas mãos de cada um dos consumidores de literatura apanhar o sentido global duma obra literária, **porque o sentido da obra nunca se esgota, nada está completamente estudado** (contra a tendência da Crítica Velha, segundo a qual nada mais há a fazer com a obra tal porque está já estudada).

PORQUE NASCE A LITERATURA MOÇAMBICANA?

Uma pergunta pertinente diz respeito à questão de se saber porque foi possível o aparecimento da literatura em países como Moçambique, onde a dominação colonial negava o direito à palavra. A ideia defendida por Manuel Ferreira é a de que **o contacto cultural estabelecido na situação colonial é um contacto violento, em que só um tem direitos e ao outro são negados todos os direitos. Simplesmente acontece que o outro (colonizado) tem a sua cultura, tem a sua personalidade que foi criada e desenvolvida ao longo dos milénios. E não aceita o jogo do colonizador, ele resiste porque das coisas mais queridas pelos Homens é a própria Cultura.**

PRODUZAM NA NOVA FORJA

À intervenção de Manuel Ferreira seguiu-se uma cruzada de perguntas, que só a escassez do tempo não permitiu continuidade. Desse debate extraímos uma pergunta colocada sobre as razões do silêncio literário dos «velhos». Rui Nogar, o poeta dessa geração de veteranos, num desabafo rápido, escalpelizou a questão dizendo: **Nós os do passado estamos a acabar, e se não formos nós a exumar esse passado (que não é nosso porque veio até nós através da literatura colonial), então não sei quem o fará. Portanto, vocês jovens têm que produzir na nova forja. Nós só temos um passado que é colonial...**

São muito importantes as ideias que Manuel Ferreira trouxe, e que importa pô-las em confronto com as que existem nos interessados nas «coisas culturais». Voltaremos ao assunto brevemente.

CELESTINO JORGE